

Reportagem: Do ateliê ao mercado – o destino da arte invisível produzida nas periferias de Salvador¹

Lara Regis Lins PERL²
Nathalia de Andrade LUNA³
Fábio Sadao NAKAGAWA⁴
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

A reportagem “*Do ateliê ao mercado – o destino da arte invisível produzida nas periferias de Salvador*” é uma das matérias publicadas na revista Fraude #10, produto experimental e laboratorial elaborado por 12 estudantes bolsistas do Programa de Educação Tutorial de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Petcom – Ufba), sob a orientação de um professor tutor. Inserida na linha editorial da Revista Fraude, que visa tratar a cultura nas suas relações com a sociedade local soteropolitana, a reportagem investiga o percurso de obras de artes plásticas produzida nas periferias de Salvador e as razões pelas quais essa arte raramente chega nos centros culturais consagrados da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Jornalismo impresso; Jornalismo Cultural; Mercado das artes.

1. INTRODUÇÃO

No estudo dos gêneros jornalísticos, a definição de “reportagem” é uma das mais controversas e de difícil consenso entre os principais autores. Na sua constituição, que exige os métodos de verificação de uma notícia jornalística, porém, com uma maior liberdade em relação à linguagem, a reportagem cumpre um importante papel de interpretar, explicar e dar conta dos fatos através de um determinado olhar, que transita entre informação e narrativa, como afirmam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari:

É a reportagem – onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria JO 08 Reportagem em Jornalismo impresso (avulso), modalidade Jornalismo.

² Aluna líder do grupo, estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, bolsista do Petcom/ UFBA, email: laralinsperl@gmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso Produção em Comunicação e Cultura, bolsista do Petcom/ UFBA, email: nathalia.andrade.luna@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, atual Coordenador do Colegiado de Graduação da FACOM, Membro do grupo de pesquisa ESPACC da PUC-SP, Professor Tutor do Petcom, email: fabiosadao@gmail.com

informativa (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

É a partir dessa noção de reportagem, que a revista *Fraude*, publicação anual, realizada pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Petcom - UFBA), sob a orientação do professor tutor, consolida a reportagem como o seu principal gênero, capaz de problematizar e levantar discussões acerca das questões culturais. A reportagem “*Do ateliê ao mercado: o destino da arte invisível produzida nas periferias de Salvador*” foi publicada em 2012, na décima edição da revista (Fig.01), e pretendeu investigar o mercado construído a partir da produção de artes plásticas nas periferias de Salvador, especificamente no Subúrbio Ferroviário, problematizando conceitos de arte e artesanato e as relações entre artistas da periferia, espaços culturais e mercados de artesanato da cidade.

Segundo Marília Scalzo (2003, p.65), a reportagem de revista assume características próprias, exigindo uma escolha certa na pauta. “A periodicidade mais elástica exige que o jornalista encontre novos enfoques para os assuntos de que vai tratar, buscando sempre uma maneira original de abordá-los”. A escolha da pauta, no caso da revista *Fraude*, é sempre pensada considerando três principais fatores: a pertinência dentro do jornalismo cultural e local, inserido na realidade de Salvador; a sua periodicidade anual, que traz temas menos factuais e mais atemporais; e a originalidade, evitando tratar de temas que já foram explorados



Fig. 01 – Capa da Revista *Fraude* #10.

pela grande mídia, a não ser que sejam abordados através de uma nova ótica. Esses três

fatores foram essenciais na escolha da pauta sobre o destino da arte invisível produzida nas periferias soteropolitanas.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal da matéria foi entender como a arte produzida no Subúrbio Ferroviário de Salvador vira um produto meramente mercadológico, a partir de um sistema que se apropria dessas obras como produto, deslocando-as do seu contexto e do controle dos seus autores.

A matéria buscou apresentar ao leitor uma arte local “invisível”, por não estar nas grandes galerias e espaços culturais consagrados da cidade, destacando os motivos que mantém essa arte como invisível, a partir de uma investigação sobre o mercado que é construído em cima das obras, que exclui os artistas de todo o processo de pós-produção.

Outro objetivo foi relacionar esse mercado a diversos problemas sociais, como a questão do isolamento das periferias no cenário cultural da cidade, a memória e reconhecimento dos artistas e nos empecilhos que surgem para que eles continuem produzindo. No entanto, também buscou-se investigar e trazer para a reportagem o que tem sido feito para contornar essas dificuldades.

3. JUSTIFICATIVA

O Subúrbio Ferroviário de Salvador, atualmente com uma população estimada em torno de 600 mil de habitantes, configura-se como uma área de impressionante beleza natural e importância histórica, mas cuja ocupação desordenada e sem planejamento criou um estigma - que se tornam marcas, cicatrizes - de marginalização, violência e carência de políticas públicas. Os moradores dos bairros suburbanos, em sua grande maioria de comunidades e povos tradicionais, constituem sua identidade (seja individual ou coletiva) através do resgate da sua história. Esse é o papel da arte suburbana que é abraçada por alguns sujeitos que são formados pelo seu lugar. Mas a partir do momento que esses artistas buscam levar a sua arte para fora das “favelas”, deparam-se com uma série de dificuldades. A arte que surge no subúrbio é confundida com artesanato e ao invés de estar em museus e galerias, encontra-se em mercados e lojas turísticas, misturada com objetos produzidos em larga escala, intencionalmente para a venda. A importância da reportagem é

ser um espaço de discussão, para ouvir vozes geralmente silenciadas e questionar o papel de instituições (como o Estado) no posicionamento de tal problema.

Considerando o atual cenário de jornalismo cultural de Salvador, no qual a cultura se aproxima cada vez mais do entretenimento e dos serviços, o espaço para este tipo de reportagem vem se restringindo cada vez mais. Seja pelas restrições de tempo e espaço impostos pelas redações ou pela falta de meios alternativos aos tradicionais, é raro encontrar reportagens que visam discutir um problema complexo, interpretando um fato de forma diversa, a partir de muitos pontos de vista. Como afirma Piza:

As equipes têm menos repertório e ambição e trocam a exigência pela complacência (tudo é bom, desde que o leitor goste) e o charme pela previsibilidade (a construção do texto é convencional, a opinião omitida idem). O resultado, claro, é uma diminuição sensível na pluralidade e criatividade. Tudo isso se deve também às medidas que foram tomadas na última década para igualar o jornalismo cultural aos outros, como o político e o econômico, como se ele viesse da mesma dosagem de ‘hard news’ (PIZA, 2004, p. 65).

Assim, os temas propostos pela revista *Fraude*, visam suprir uma lacuna deixada pelo mercado jornalístico soteropolitano, uma vez que o jornalismo cultural não pode limitar-se a divulgar eventos e realizar uma agenda, mas deve explorar o sentido amplo de cultura: ela vai além das artes, da literatura e contempla, também, os modos de vida, os direitos fundamentais do homem, os sistemas de valores e símbolos, as tradições, as crenças e o imaginário popular, como foi apontado na *Conferência Mundial sobre Políticas Culturais*, em 1982. A reportagem “*Do ateliê do mercado*” busca incitar uma discussão mais profunda sobre arte, relacionando-a com a sociedade e com as particularidades de Salvador.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de apuração e pesquisa da reportagem “*Do ateliê ao mercado*” durou, aproximadamente, três meses e teve início com a definição do tema, quando as repórteres conheceram o “Acervo da Laje”, local que reúne obras de artistas do Subúrbio Ferroviário de Salvador, a partir da iniciativa do Professor José Eduardo Ferreira Santos, pesquisador autônomo e morador do Subúrbio. A qualidade artística das obras reunidas no acervo instigou a curiosidade do grupo sobre o mercado de museus e galerias que exclui esse tipo

de manifestação artística. A partir daí, foi escrita a pauta, seguindo o modelo de pautas da revista *Fraude*, que exige especificar o tema, objetivos, pertinência para a linha editorial da revista, contexto histórico, possíveis fontes e contatos, propostas para material multimídia e fotos. Segundo Lage (2001, p. 37), o objetivo da pauta é planejar a edição. O processo de escrita da pauta é de extrema importância, pois é o momento no qual os repórteres realizam uma ampla pesquisa sobre o tema, na qual também buscam saber o que já foi veiculado na mídia, e a partir disso definem o direcionamento da matéria. Assim, podem ir para a apuração bem preparados e com certos conhecimentos prévios necessários.

Em seguida, a pauta é enviada para o grupo e para o tutor e discutida com todos, para possíveis modificações, indicação de novas fontes e complementação do conteúdo. Após a aprovação da pauta pelo editor chefe e pelo grupo, inicia-se o processo de apuração. No caso da reportagem *“Do ateliê ao mercado”*, a maior parte das fontes foram os próprios artistas que tinham suas obras expostas no Acervo da Lage. As entrevistas foram realizadas presencialmente, nas casas ou ateliês de cada um deles, utilizando um questionário previamente idealizado, gravador digital e caderno de anotações. A partir das conversas com os artistas, o problema ficou mais claro e outras fontes surgiram: curadores de museus, representante do sindicato de artistas plásticos da Bahia, vendedores do Mercado Modelo e o próprio pesquisador que nos introduziu o tema.

Com as entrevistas em mãos, iniciou-se o processo de escrita, que é a construção da narrativa, a forma como a história vai ser contada.

A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. [...] Ao estabelecer sequências de continuidade (ou descontinuidade), as narrativas integram ações no passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciação (MOTTA, 2007, p. 2).

A narrativa da reportagem de revista, no entanto, não está restrita ao texto. Uma das grandes vantagens das revistas é que elas oferecem inúmeros recursos gráficos para se contar uma história (SCALZO, 2003, p.58) e a *Fraude* dedica uma atenção especial às fotografias, realizadas pelos monitores do Laboratório de Fotografia da UFBA (Labfoto). Um dos bolsistas do Petcom assume o papel de editor de fotografia, responsável por selecionar e tratar as fotos em preto e branco, de acordo com a estética da revista, utilizando o *Adobe PhotoshopLightroom*, programa de tratamento e edição de imagens. Na diagramação, que utiliza o programa *Adobe Indesign*, imagem e texto são compostos em

constante diálogo (Fig.02), no qual um complementa o conteúdo do outro, assim formando a totalidade da reportagem.

Do ateliê ao mercado

O destino da arte invisível produzida nas periferias de Salvador

texto Carolina Leal e Lara Perli
fotos Tayse Argôlo/Labfoto

Em um lugar como o Subúrbio Ferroviário de Salvador, ainda marcado por cicatrizes de marginalização, é possível ouvir, tocar, ver arte e beleza por todos os cantos. As histórias daquela gente diversa configuram a região como berço cultural. No entanto, o esquecimento ainda grita em cada esquina. Um olhar atento às ruas estreitas que cruzam a Avenida Suburbana pode encontrar quadros, esculturas, obras de arte sem assinatura, sem dono e sem visibilidade, muitas vezes no lixo. Da mesma forma, nos centros de artesanato, como o Mercado Modelo, Pelourinho e lojas turísticas, encontram-se obras parecidas, que vêm do Subúrbio, mas continuam no anonimato.

Segundo Leonel Mattos, artista plástico e presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos e Visuais do Estado da Bahia (Sinaprev-BA), a realidade é que diversos artistas estão à procura de lugares para expor a sua obra. “Às vezes, me pergunto

quem valoriza quem, se é o lugar que valoriza a obra de arte ou se a obra valoriza o lugar. Acho que o lugar ainda está valorizando o artista, ele sempre está à espera de um espaço para que seja valorizado”, comenta. Quando se trata de artistas do Subúrbio, isso é ainda mais grave. Para José Eduardo Ferreira Santos, morador de Novos Alagados e pesquisador autônomo da beleza suburbana, o problema é estrutural da cidade. “Crisou-se, em torno da periferia, um círculo que a separa da cidade dita formal, poucos são os espaços que acolhem os artistas vindos do Subúrbio”, afirma. A verdade é que, por detrás desse círculo, existem ateliês escondidos e artistas prontos para serem descobertos.

Vida de artista, obra de arte são

O conceito de artesanato vem da noção de arte como fazer ou simples

ofício. O artesão possui a técnica e a usa de uma forma utilitária, geralmente com a intenção de vender para obter sustento. Já o artista, com o seu conhecimento e a sua técnica, encara a produção artística como forma de expressão, sendo a apreciação da obra o maior objetivo, o que pode vir a fazer com que ela seja vendida, exposta ou mesmo guardada. Para Ray Bahia, artista plástico de Periperi, arte é criação. “Uma coisa que não vem de mim não é arte, embora eu esteja usando uma técnica quando uma pessoa me pede pra fazer uma baiana ou um orixá, por exemplo, é um trabalho artesanal”, afirma o mestre Ray, como é conhecido no bairro. As máscaras de ferro, com os traços negros de sua gente, são cinzeladas e repuxadas através de uma técnica desenvolvida por ele, e a fila de espera é composta por um público diverso, que inclui vizinhos, turistas e outros artistas plásticos. A originalidade da obra de Ray

Bahia é um exemplo da presença de um artista autônomo e reconhecido nas ruas de Periperi. Entretanto, por algum motivo, a arte vinda do Subúrbio é confundida com artesanato. “Vejo muitos trabalhos daqui sendo vendidos em pontos turísticos, mas nas galerias e espaços artísticos isso ainda é muito pouco. Os critérios são nome, fama e prêmio, a obra em si não fala muito”, explica Ray, que vende grande parte das suas obras no Instituto Mauá. O Instituto o considera como artesão e trabalha a partir da conservação do artesanato popular, no intuito de dar continuidade e transmitir a técnica. No caso de Ray, sua técnica é única, já que foi desenvolvida por ele próprio, e seu maior receio é que ela se perca com o tempo. Lúcia Helena Ramos, curadora

“Às vezes, eu me pergunto quem valoriza quem, se é o lugar que valoriza a obra de arte ou se a obra valoriza o lugar”

Leonel Mattos



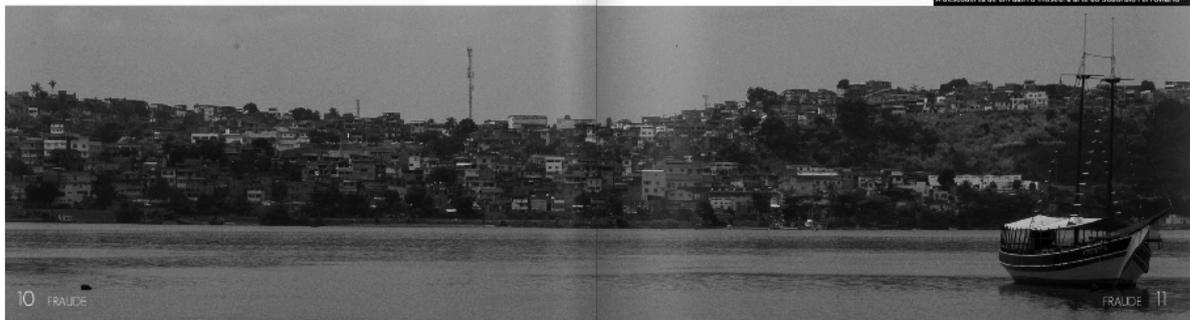
Entre arte e artesanato, as obras dos artistas se encontram no Mercado Modelo

do Museu de Artes Afro Brasil, em Recife, considera que é um desafio trazer para um museu uma arte que é, equivocadamente, conhecida como artesanato. “Nosso grande desafio é que não existe espaço para arte contemporânea africana, ela sempre está associada ao artesanato e ao candómbi. É um trabalho de discutir a temática, fazer com que as pessoas queiram saber e conhecer”, explica. O acervo do museu é a coleção do arqueólogo Rolando Toro, que viajou e coletou máscaras africanas em diversos lugares do mundo. Uma das maiores cole-

ções do acervo é a obra de Odívio Bahia, artista de Fazenda Cautos, conhecido pelas suas máscaras de madeira. O mais curioso é a sua obra estar em Recife, e não em Salvador.

O trajeto de uma obra

No Mercado Modelo, o nome Odívio Bahia é um dos poucos conhecidos pelos comerciantes. Segundo Antônio Carlos Santos, vendedor há mais de 50 anos, a maior parte dos artistas não assinam, e os que assinam não são conhecidos. No entanto, quem já visitou o Mercado



A descoberta de um bairro museu: a arte do Subúrbio Ferroviário

Fig. 02 – Parte da reportagem “Do ateliê ao mercado”: texto e imagem dialogam.

Além desses aspectos, a produção do material multimídia, veiculado no site da Revista Fraude⁵, trouxe um catálogo das obras dos artistas citados na matéria, já que não houve espaço físico para incluí-las na revista impressa.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Segundo Coimbra (1993, p. 44) a depender do texto, a reportagem pode ser classificada de três formas: dissertativa, narrativa ou descritiva. Na reportagem dissertativa, o texto é organizado num raciocínio explicativo através de informações generalizadas, seguidas de fundamentação. Já na reportagem narrativa, o texto apresenta os fatos organizados a partir uma relação de anterioridade ou posterioridade, há um desenrolar das

⁵ O site da revista Fraude é www.revistafraude.com

ações acontecendo. A reportagem descritiva discrimina detalhadamente o momento apreendido, sem progressão do tempo. A reportagem “*Do ateliê ao mercado*” pode ser classificada como dissertativo-narrativa, pois o texto é predominantemente dissertativo com alguns trechos narrativos.

Para Lage (1982, p. 57), o que diferencia notícia de reportagem é a relação com o fato. A reportagem “compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente”. Enquanto a notícia cobre os fatos, a reportagem os interpreta, contando uma história. Isso exige um tempo maior de apuração, uma pesquisa aprofundada, um grande número de fontes. Por isso a reportagem “*Do ateliê ao mercado*” apresenta dez fontes citadas no texto e mais cinco não citadas. As fontes foram escolhidas pela credibilidade e ligação com o tema.

A matéria inicia-se introduzindo o leitor ao tema:

Em um lugar como o Subúrbio Ferroviário de Salvador, ainda marcado por cicatrizes de marginalização, é possível ouvir, tocar, ver arte e beleza por todos os cantos. Um olhar atento às ruas estreitas que cruzam a Avenida Suburbana pode encontrar quadros, esculturas, obras de arte sem assinatura, sem dono e sem visibilidade, muitas vezes no lixo. Da mesma forma, nos centros de artesanato, como o Mercado Modelo, Pelourinho e lojas turísticas, encontram-se obras parecidas, que vêm do Subúrbio, mas continuam no anonimato (FRAUDE#10, 2012, p. 10)

Em seguida, entra um questionamento central de Leonel Mattos, artista plástico e presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos e Visuais do Estado da Bahia (Sinapev-BA), sobre o lugar e o valor da obra de arte: o lugar valoriza a obra ou a obra valoriza o lugar? Ele acredita que o lugar ainda esta valorizando a obra e que esta é uma chave para o problema dos artistas vindos do Subúrbio. José Eduardo Ferreira Santos, pesquisador do tema, explica que é um problema estrutural, da cidade, que excluiu as periferias e por isso os artistas oriundos destes bairros não são acolhidos pelos espaços culturais do centro.

Após essa introdução geral, iniciam-se os intertítulos: “*Vida de artista, obra de arte*”, “*O trajeto de uma obra*”, “*Viver de arte?*” e “*Resgate da memória*”. De acordo com Mirna Gurgel Carlos da Silva, os intertítulos são de fundamental importância para a reportagem, sendo um “recurso gráfico com uma ou duas palavras utilizadas para tornar o texto de fácil compreensão e proporcionar melhor divisão temática da notícia” (SILVA,

2002, p.04).

No primeiro intertítulo “*Vida de artista, obra de artesão*” é problematizada a diferença entre o artesanato/artesão e a obra de arte/artista e a dificuldade dos artistas do Subúrbio em serem reconhecidos como tais. Apesar desses conceitos serem controversos, há um consenso de que o artesanato é manufaturado e feito para o comércio, enquanto a arte é expressão e criação, que também pode ser vendida, mas, anteriormente, deve ser apreciada. Essa foi a posição da maior parte dos artistas entrevistados, como Ray Bahia, artista que não considera as peças feitas por encomenda como arte, por exemplo. Mas as obras desses artistas não se encontram nos lugares da arte, como museus e galerias, e sim do artesanato, como o Mercado Modelo.

Na sequência, o leitor é convidado a acompanhar “*O trajeto de uma obra*” que sai de um ateliê no Subúrbio e vai parar em um mercado artesanal. As obras são vendidas a preços baixos nos bairros onde são feitas e revendidas a preços dez vezes mais altos nos mercados turísticos de artesanatos. “Atravessadores” são as pessoas que compram as obras nas mãos dos artistas e vendem no mercado, onde os nomes dos artistas nem sequer são conhecidos.

No espaço aberto pelo intertítulo “*Viver de arte?*”, é indagado o processo de seleção dos artistas e das obras de arte que se apresentam em espaços convencionais como museus e galerias e como esse processo possibilita o reconhecimento do trabalho dos artistas invisíveis. A ampliação de editais dificulta ainda mais a quem não tem um produtor ou um *merchand* para promover seu trabalho e muitos dos artistas do subúrbio acabam buscando outras fontes de renda.

O último intertítulo, “*Resgate da memória*”, trata da importância e dificuldade de preservar as obras de arte dos artistas do Subúrbio e as suas histórias e obras de arte únicas, muitas vezes perdidas nas condições de produção em que se encontram. O “Acervo da Lage” se configura como possibilidade de resgate dessa memória que a obra de arte representa.

O formato escolhido para as fotografias foi de retratos, pois foi uma forma de mostrar o rosto de artistas invisíveis, mas realmente talentosos. Na revista, as imagens falam tanto quanto o texto, e as legendas permitem criar uma narrativa apenas com as fotos:

1. *A descoberta de um bairro-museu: a arte do Subúrbio Ferroviário;*
2. *Entre arte e artesanato, as obras dos artistas se encontram no Mercado Modelo;*
3. *O processo criativo de Ray Bahia e suas mascaras de ferro;*

4. *Perinho em frente a uma das paginas de seu livro espalhado pelas paredes de Plataforma;*

5. *José Eduardo, guardião do Acervo da Laje.*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista Fraude vem se tornando uma publicação de jornalismo cultural cada vez mais voltada para a realidade local de Salvador e a décima edição investiu nos temas sociais. Além da reportagem “*Do alteliê ao mercado*”, a matéria de capa da revista foi sobre as feiras livres como um espaço de trocas e manifestações culturais. A Fraude #11 pretende continuar nessa linha, trazendo temas verdadeiramente culturais, entendidos e vividos pelos soteropolitanos.

Escrever sobre um tema polêmico e pouco explorado foi um desafio, mas os resultados foram satisfatórios. O desejo de buscar pautas originais, de entender e tentar desvendar um problema e contar isso de uma forma clara, mas com uma certa liberdade na linguagem, é um dos grandes incentivos na opção pelo formato da reportagem, que vem sendo o principal gênero da revista Fraude.

O retorno aos artistas no evento de lançamento da revista foi um momento de troca e gratificação pelo trabalho de ter contado uma história que merece ser contada e ouvida, de todas as formas possíveis. A reportagem, sem dúvidas, é uma das formas mais poderosas de contá-la.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

FRAUDE: revista cultural anual publicada pelo Petcom. Salvador: FACOM– UFBA, n.10, 2012.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil**: desvendando as variantes do gênero. 2003. 140p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) — PEPG em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão/ SC. Disponível em: < http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf>. Acesso em: 19 abril 2013.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.143-167.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003

SILVA, Mirna Gurgel Carlos da. **Notícia e reportagem: uma proposta de distinção**. Fortaleza, 2002. Disponível em: <http://www.crisluc.arq.br/Not%EDcia%20e%20reportagem.pdf>. Acesso em: 19 abril 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. São Paulo: Summus, 1986.